

2

A perspectiva da paz no Antigo Testamento

Neste capítulo faremos uma reflexão sobre o tema da paz no Antigo Testamento. De início queremos deixar claro que não pretendemos fazer exegese de textos bíblicos, já que esta dissertação concentra-se na área da teologia sistemático-pastoral. Como já indicado na introdução, a teologia encontra nos Sagrados Livros seu “fundamento perene.”¹ Nosso trabalho quer iniciar-se justamente a partir desse fundamento. Seu objeto de estudo é a relação entre a paz bíblica e Jesus Cristo; por isso, podemos dissociar sua vida de toda a tradição de fé de Israel, tampouco ignorar as fontes vétero-testamentárias de uma teologia da paz.²

Devemos observar que o texto bíblico não nos apresenta uma definição ou um tratado sobre a paz. Esta se coloca sob a perspectiva da intervenção de Deus na história,³ intervenção que revela sua vontade salvífica à humanidade, convidando-a a uma resposta.⁴ É claro que essa perspectiva possui uma gama de implicações teológicas sobre o tema da paz. Sem desmerecer os outros temas e a ligação entre eles,⁵ mas a fim de limitar nosso estudo, vamos nos concentrar no

¹ Conforme a Constituição Dogmática *Dei Verbum* no nº 24: “A sagrada Teologia apoia-se na palavra de Deus escrita e juntamente na sagrada Tradição, como em seu fundamento perene; nelas encontra toda a sua firmeza e sempre rejuvenesce, (...) por isso o estudo destes Sagrados Livros deve ser como que a alma da sagrada Teologia.”. In: **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II**. [organização geral Lourenço Costa; tradução Tipografia Poliglota Vaticana] São Paulo: Paulus, 1997, p. 365.

² Conforme afirma R. COSTE, “é efetivamente na Bíblia inteira que nós vamos encontrar, do ponto de vista da fé cristã, os fundamentos de uma teologia da paz”. **Théologie de Paix**. Paris: Ed. du Cerf, 1997, p. 41.

³ Cf. R. COSTE, op. cit. p. 42.

⁴ “Caracteriza-se a religião do Antigo Testamento pela afirmação de uma intervenção de Deus na história, intervenção devida unicamente à sua livre decisão. É concebida essa intervenção como o encontro de alguém com alguém: de alguém que fala com alguém que ouve e responde. Dirige-se Deus ao homem como um senhor a seu servo, interpela-o, e o homem, que ouve a Deus, responde pela fé e pela obediência.” R. LATOURELLE. **Teologia da Revelação**. São Paulo: Paulinas, 3ª ed., 1985, p. 13.

⁵ Como exemplo podemos citar os outros temas, abordados por R. COSTE como fontes bíblicas para uma teologia da paz: as “guerras de Yahweh”, a questão do “Deus violento”, o mandamento “não matarás”, além do termo *shalôm*, op. cit. p. 44-74.

que o termo hebraico *shalôm*⁶ tem a nos dizer sobre a paz bíblica no Antigo Testamento.

Nesse sentido, faremos um estudo do termo *shalôm* a partir de seu uso e sentidos na Bíblia. Nossa intenção será, na realidade, não mais que uma descrição de como este termo é empregado no Primeiro Testamento e os sentidos que tem para os autores bíblicos.

Assim, tal estudo vai abordar, em primeiro lugar, a complexidade que envolve o tema da paz no Antigo Testamento; em segundo, apresentaremos os vários sentidos, significados e designações de *shalôm* a partir dos dicionários e obras afins; posteriormente, veremos como esses sentidos e significados são usados de diversos modos e nas mais variadas situações e como há uma relação entre eles e alguns outros temas teológicos do Antigo Testamento. Desse estudo do termo *shalôm*, procuraremos destacar os elementos fundamentais da paz no Antigo Testamento.

2.1. Complexidade do tema da paz (*shalôm*)

Normalmente as várias versões bíblicas traduzem o termo hebraico *shalôm* simplesmente como “paz”, pelo menos na maioria dos casos. Contudo, podemos afirmar que nosso conceito atual de paz, do modo como é definido pelos dicionários, ou seja, com um acento mais negativo de “ausência de”,⁷ não é capaz de dar conta de toda a complexidade de sentidos e a riqueza de conteúdo da paz bíblica, cujo termo privilegiado é *shalôm*. Este termo tem um conteúdo semântico muito mais rico e abrangente e uma diversidade de aplicações que, como veremos

⁶ Por questões práticas, usaremos a grafia *shalôm* para a transcrição do termo hebraico para o português.

⁷ É o que podemos perceber na definição dada pelo Aurélio: **paz**. [Do lat. *pace*.] S. f. 1. **Ausência de** lutas, violências ou perturbações sociais; tranqüilidade pública; concórdia, harmonia: O respeito às leis assegura a paz de uma comunidade. 2. **Ausência de** conflitos entre pessoas; bom entendimento; entendimento, harmonia: Vive em paz com os vizinhos e colegas. 3. **Ausência de** conflitos íntimos; tranqüilidade de alma; sossego: Goza de paz absoluta. 4. Situação de um país que não está em guerra com outro: Grandes são os benefícios das épocas de paz. 5. Restabelecimento de relações amigáveis entre países beligerantes; cessação de hostilidades: Breve foi a paz entre os dois países. 6. Tratado de paz: assinar a paz. 7. **Ausência de** agitação ou ruído; repouso, silêncio, sossego: a paz do campo. In: Aurélio Buarque de Holanda FERREIRA. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2^a ed. rev. e aum., 43^a imp., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. O grifo é nosso.

mais adiante, na realidade exige vários termos e expressões de nossa língua para que se possa dar conta de todos os seus significados.⁸

Assim sendo, essa característica de ser um termo presente nas mais variadas situações da vida, faz do termo *shalôm* um “conceito genérico de vasta extensão”.⁹ Porém, o que queremos ressaltar é que o valor desse termo não está exatamente em sua extensão. Esta característica tem seu valor não por si só, mas sim, por revelar uma outra, principal: a importância teológica do termo *shalôm*, e, conseqüentemente da paz para o Antigo Testamento (AT).

Podemos perceber essa importância teológica pela própria quantidade de vezes em que o termo *shalôm* é utilizado em todo o AT. Nesse sentido, segundo G. GERLEMAN,¹⁰ o substantivo *shalôm* conta com 237 ocorrências (sendo que este autor não conta com os Deuterocanônicos). Devido a esse número de ocorrências, pode-se indicar o principal motivo dessa importância teológica: a variedade de sentidos, aplicados nas mais diversas situações, que expressam não só as realidades mais fundamentais do cotidiano, como também as mais elaboradas aspirações do espírito humano.¹¹

No entanto, por conta da diversidade supracitada, o substantivo *shalôm* não pode ser visto como um conceito vago de significado.¹² Na realidade, seu conteúdo é de um sentido muito real e concreto, pois somente assim é que o encontramos sendo aplicado as mais variadas situações, que as páginas do texto bíblico nos relatam. E para não cair em definições vagas ou abstratas, o modo mais indicado de se buscar os significados do termo *shalôm* é pela análise do contexto onde ele é usado. Dessa forma, podemos elaborar um sumário de seus conteúdos.¹³

⁸ J. L. McKENZIE. *Paz*. In: _____. **Dicionário Bíblico**. 5ª ed., São Paulo: Paulus, 1983, p. 704; B. HEMELSOET. *Paz*. In: A. VAN DEN BORN (red.). **Dicionário Enciclopédico da Bíblia**. 3ª ed., Petrópolis: Vozes, 1985, col. 1148.

⁹ G. von RAD; W. FOERSTER. *eirene*. In: G. KITTEL; G. FRIEDRICH. **Grande Lessico del Nuovo Testamento**. Brescia: Paideia, 1967, cols. 191-237. G. von RAD é responsável pelo parte B: *shalôm nell'Antico Testamento*, col. 195-207. Aqui, col. 196.

¹⁰ G. GERLEMAN, *shlm*. In: E. JENNI; C. WESTERMANN. **Diccionario Teologico Manual del Antiguo Testamento**. Vol. II. Madrid: Cristiandad, 1978, cols. 1155-1156.

¹¹ Cf. G. von RAD, op. cit. col. 195.

¹² G. von RAD, op. cit. col. 196.

¹³ J. L. McKENZIE, op. cit. p. 704.

Essa postura metodológica de agir evita o perigo de se impor ao tema da paz no AT qualquer tipo de abstração. Como esclarece G. GERLEMAN:

Em vez de buscar com ajuda de uma abstração um mínimo significado formal aplicável em todos os casos, parece metodologicamente mais correto seguir o caminho inverso, ou seja, buscar o significado básico da raiz em seu uso efetivo e, concretamente, onde aparece com clareza seu conteúdo semântico. Só depois de um exame minucioso de todo o âmbito da palavra se pode esperar encontrar um uso claro e concreto do termo como núcleo central e princípio de uma evolução constatável de seu significado.¹⁴

Esta mesma postura é compartilhada por G. von Rad. Segundo ele, dentre os termos do AT, *shalôm* é cercado de uma particularidade própria: é um conceito presente e comum à vida cotidiana, expressando realidades simples, e, ao mesmo tempo, é “impregnado de um conteúdo religioso, capaz de elevar-se acima do plano da imaginação comum”.¹⁵

Ainda segundo G. von RAD, no caso de um estudo teológico, é necessário ter bem claro qual é o objetivo de tal estudo: trata-se, na realidade, de captar a teologia do termo, ou seja, seu conteúdo teológico e o sentido que quer transmitir.¹⁶ E para se chegar a esse conteúdo teológico, é necessário dar a devida atenção ao contexto onde, em cada caso, o termo *shalôm* é utilizado. Assim, pela interpretação do contexto é que podemos chegar ao sentido de *shalôm*.¹⁷

Como exemplo, podemos citar o caso da tradução de *shalôm* por “paz”. Segundo G. von RAD, esta tradução, quando feita de modo absoluto e sem levar em conta o contexto, é, na realidade, uma interpretação tão simples que pode acabar por “restringir o âmbito semântico” do termo *shalôm*.¹⁸

¹⁴ Op. cit. col. 1158. Na realidade, G. GERLEMAN faz um estudo da raiz *shlm*, traduzida por “ter suficiente”, da qual deriva o substantivo *shalôm*. Sobre esta raiz, GERLEMAN ressalta que ela está “solidamente arraigada e fortemente desenvolvida em toda a área lingüística semítica desde a época mais antiga” e o seu “âmbito semântico”, por sua complexidade e multiformidade, “indica que se trata de uma dimensão elementar da vida humana”. Idem, col. 1154.

¹⁵ G. von RAD, op. cit. col. 1195.

¹⁶ Idem, col. 196.

¹⁷ Idem, ibidem.

¹⁸ G. von RAD, op. cit. col. 196.

Essas observações feitas por G. GERLEMAN e por G. von RAD nos servem como orientação para o nosso estudo do tema da paz no AT. Mas, vale lembrar que nossa intenção não é fazer exegese de textos bíblicos, mas sim o estudo da paz bíblica, como fundamento para a elaboração de uma teologia da paz, a partir do termo *shalôm*.

Por isso, no próximo ponto, faremos um levantamento dos vários sentidos e significados desse termo. Para tanto, vamos usar como material de apoio o conteúdo de alguns dicionários e obras afins, e a partir dos mesmos ver como os autores dos verbetes relativos ao nosso tema tratam a questão da paz bíblica.

2.2.

Sentidos, significados e designações do termo *shalôm*

Nesta parte apresentaremos o que os estudos de vários autores concluem sobre o termo *shalôm*, segundo algumas obras de referência. Comparando os vários sentidos apontados pelos autores, vamos destacar os mais fundamentais, que nos mostram toda a carga existencial desse termo dentro de uma visão teológica da paz no AT.

2.2.1.

shalôm como bem-estar

O sentido de *shalôm* como bem-estar é defendido principalmente por G. von RAD.¹⁹ Para ele, este é o significado fundamental de *shalôm* cuja preponderância se encontra justamente no aspecto material.²⁰ O que von RAD entende por bem-estar está sobretudo explicitado nos textos bíblicos que ele cita,²¹ pelos quais podemos perceber qual é seu conteúdo.

Para ele, o bem-estar (*shalôm*) se relaciona diretamente com as condições do estado físico da pessoa. O que podemos ver no texto de Jz 19,20. No diálogo entre o viajante levita e o ancião, o desejo de paz proferido por este vai ao encontro das necessidades materiais daquele que estava em viagem, bem como da devida hospitalidade que o viajante deveria encontrar ao entrar em uma cidade. Assim sendo, o aspecto material está relacionado a tudo aquilo que é necessário para que a pessoa tenha suas necessidades vitais satisfeitas, como, no caso do exemplo acima, a alimentação e o descanso.

Em outras passagens bíblicas citadas por G. von RAD para o sentido de *shalôm* como bem-estar,²² pelos contextos onde estão inseridas, podemos perceber toda a riqueza e complexidade de sentidos de *shalôm*, traduzidos de formas variadas, como “paz”, “ocasião feliz”, “tudo vai bem”, “paz completa”.

Outro ponto fundamental para percebermos o conteúdo de bem-estar é a relação entre *shalôm* e o estado da pessoa. É por isso que, segundo von RAD, na

¹⁹ G. von RAD, op. cit. col. 196.

²⁰ Idem, col. 196.

²¹ Jz 19,20; 1Sm 16,5; 2Sm 18,28; Esd 5,7.

saudação de encontro, *shalôm* é usado como um desejo de boa saúde ou como indagação sobre o estado de saúde de uma pessoa.²³

De modo geral, G. von RAD é quem mais desenvolve o sentido de *shalôm* como bem-estar. Outros autores apontam certas matizes desse sentido. Assim, L. A. SCHÖKEL²⁴ destaca mais os sentidos de prosperidade, felicidade e sossego.²⁵ Para S. AUSEJO,²⁶ encontramos em *shalôm* um sentido absoluto que designa o bem-estar e a prosperidade material e espiritual, tanto do indivíduo como da comunidade.²⁷

Contudo, isso não esgota todas as ocorrências desse termo no texto bíblico, nem tampouco a riqueza dos outros sentidos que *shalôm* designa, tanto a saúde física como o bem-estar material, realidades concretas cuja consequência é o estado de satisfação daquele que se encontra em *shalôm*.²⁸

O rico conteúdo semântico de *shalôm* não se esgota apenas em um sentido, por mais amplo que ele seja. Deste modo, além do bem-estar, a experiência concreta do que seja a *shalôm* engloba outras realidades que se apresentam como conteúdo teológico para o estudo da paz no Antigo Testamento e suas implicações antropológicas, ou seja, as implicações de *shalôm* na vida concreta, seja em suas dimensões mais elementares.²⁹

2.2.2.

***shalôm* como totalidade, integridade e incolumidade.**

O modo com que os autores descrevem os diversos sentidos do termo *shalôm* não quer criar uma oposição entre eles. Na realidade, como afirma L. A. SCHÖCKEL, os vários sentidos de *shalôm* são aspectos variados de um mesmo

²² Sm 16,4-5; 2Sm 18,27-28; Esd 5,6-7.

²³ G. von RAD, op. cit. col. 196. Como podemos ver em certos textos como Gn 29,6; 43,27; 2Sm 18,29; 20,9, cujo texto da TEB traduz *shalôm* pelas expressões “ele vai bem?”, “tudo bem?”, “tudo vai bem?”.

²⁴ L. A. SCHÖKEL. **Dicionário Bíblico Hebraico-Português**. São Paulo: Paulus, 1997. p. 672.

²⁵ Tais sentidos podem ser encontrados nos seguintes textos: Is 26,12; 48,18; 66,12; Jr 6,14; 8,11.15; 29,7; Ag 2,9; Zc 8,12; Sl 72,3; Pr 3,2.

²⁶ S. AUSEJO. *Paz*. In: _____. **Diccionario de la Biblia**. 8ª ed., Barcelona: Herder, 1981, cols. 465-1467.

²⁷ É o que podemos perceber, segundo o autor acima, em textos como Jz 8,9; 1Rs 5,4; Ex 18,23; Jz 11,31; Sl 122,6-7.

²⁸ Cf. G. von RAD, op. cit. col. 196.

termo, de um mesmo “conceito inclusivo” que engloba uma realidade muito ampla.³⁰ E dentro dessa realidade ampla, completando o que vimos sobre o sentido de bem-estar, está presente o sentido de totalidade.

Esse sentido é mais desenvolvido por G. GERLEMAN. Para este autor o substantivo *shalôm* pode ser interpretado como totalidade, incolumidade ou como paz.³¹ Contudo, ele desenvolve somente os dois primeiros sentidos.

Relacionando o substantivo *shalôm* com as formas verbais da raiz *shlm* e com o adjetivo verbal *shalêm*, G. GERLEMAN afirma que esse termo também está relacionado com a idéia de “pagar e recompensar”,³² sendo que esse sentido de “retribuição” pode ser positivo (como satisfação ou saciedade), ou ainda, negativo (como sanção, vingança ou castigo).

Em um sentido positivo, *shalôm* representa a satisfação, a saciedade, designando concretamente “aquilo que é suficiente, satisfatório para alguém”, tendo como pano de fundo a idéia de plenitude e abundância.³³ E esta satisfação expressa por *shalôm* abrange, em sua complexidade, dimensões exteriores e interiores, de tal modo que “o que tem satisfeitas suas necessidades vitais está também satisfeito em si mesmo. A satisfação interior está conceitualmente unida a ‘agrado, alegria e prazer’.”³⁴

Podemos perceber, então, que tal satisfação não se restringe ao âmbito meramente material, em um sentido accidental, mas é algo que envolve o mais íntimo do ser e suas aspirações, a razão de ser de uma existência.

Esta satisfação pode ser vista, ainda, como um processo.³⁵ Neste caso, se se destaca a ação e o modo de se atingir a satisfação, *shalôm* pode indicar o pacto, o acordo. É o caso onde aparece a expressão “fazer *shalôm*”, como em Js 9,15: “Josué fez as pazes com eles e firmou com eles uma aliança” e Is 27,5: “E aquele que me tomar como baluarte, comigo fará a paz, fará a paz comigo.”. Por outro lado, se o destaque é dado à “situação restabelecida”, *shalôm* passa a designar a

²⁹ Cf. G. GERLEMAN, op. cit. col. 1154.

³⁰ L. A. SCHÖKEL, op. cit. p. 672.

³¹ G. GERLEMAN, op. cit. col. 1164.

³² Idem, ibidem.

³³ Idem, ibidem.

³⁴ Idem, ibidem.

³⁵ G. GERLEMAN, op. cit. col. 1165.

paz, entendida como uma situação fruto de um entendimento mútuo, às vezes em oposição à guerra, como em 1Rs 2,5: “... ele os matou, derramando em tempo de paz o sangue da guerra”, também em 20,18: “Disse ele: ‘Se vieram para a paz, capturai-os vivos; se vieram para o combate, capturai-os, vivos!’”.

Dentro dessa mesma perspectiva, J. L. McKENZIE ³⁶ afirma que o termo *shalôm*, “palavra tão amplamente usada e com tão rico conteúdo”, significa, genericamente, “completação, perfeição, talvez mais precisamente, uma condição à qual não falte nada”, designando um “estado de bem-estar perfeito”.³⁷ Tais sentidos se baseiam na raiz *shlm*. Assim sendo, não só o substantivo, mas também as formas verbais que provêm dessa raiz significam “coisas tais como terminar, completar, pagar (por exemplo, completar uma transação, pagando um débito)”.³⁸

Também para J. RADERMAKERS,³⁹ de acordo com a raiz *shlm*, podemos distinguir no termo *shalôm* um sentido relacionado com a integridade do ser ou da própria sociedade, englobando aspectos como a saúde, a prosperidade material e espiritual e a felicidade.⁴⁰

Já S. AUSEJO dá mais enfoque ao aspecto de uma realidade incólume. Assim sendo *shalôm* designa o estado de “estar perfeito, são e salvo”, tendo em si também um sentido dinâmico de “viver perfeita e integralmente”.⁴¹

Por outro lado, para X. LÉON-DUFOUR,⁴² o termo *shalôm* não pode ser caracterizado como ausência,⁴³ seja de guerra ou de conflitos, mas como plenitude, o que é coerente com sua raiz *shlm*,⁴⁴ que de acordo com o contexto onde é empregada, designa o estado de “estar intacto”, como em Jó 9,4b: “quem o

³⁶ J. L. McKENZIE, op. cit. p. 704-705.

³⁷ Idem, p. 704.

³⁸ Idem, ibidem.

³⁹ J. RADERMAKERS. *Paz*. In: P-M. BOGAERT et al. (resp.) **Diccionario Enciclopédico de la Biblia**. Barcelona: Herder, 1993, p. 1194.

⁴⁰ Idem, ibidem.

⁴¹ S. AUSEJO, op. cit. col. 1466.

⁴² X. LÉON-DUFOUR. *Paz*. In: _____ et al. (dirs.). **Vocabulário de Teologia Bíblica**. 5ª ed., Petrópolis: Vozes, 1992, col. 729-734.

⁴³ Apesar de G. GERLEMAN, op. cit. col. 1164, citar como oposto a *shalôm* o vocábulo *day*, que designa “o que é imprescindível”, fazendo a comparação: *day* nega a abundância, *shalôm* nega a falta.

⁴⁴ X. LÉON-DUFOUR, op. cit. col. 730.

enfrentou e ficou imune”⁴⁵, ou algo que está completo, acabado, como no relato de 1Rs 9,25, em que *shalôm* designa o término da construção do Templo.⁴⁶

Esse sentido designa, ainda, o “ato de restabelecer as coisas em seu antigo estado, em sua integridade”,⁴⁷ como no caso de uma indenização paga para apaziguar e sanar um prejuízo (cf. Ex 21,33-34).

É importante ressaltar que nesses contextos predomina um sentido de plenitude, “a plenitude da felicidade”.⁴⁸ Um texto que nos mostra essa visão da plenitude é Lv 26,3-13. Este texto fala da bênção de Deus prometida ao povo. Os elementos que compõem essa bênção vão ao encontro das necessidades concretas desse povo, isto é: as chuvas no tempo certo, os produtos da terra e os frutos das árvores dos campos, a longa duração da debulha e da vindima, a fartura de pão e a habitação segura na terra, a paz estabelecida por Deus, e sua presença no meio do povo, caminhando com ele. Todos os elementos que, como dons de Deus, propiciam uma vida plena e satisfeita.

2.2.3. ***shalôm* como relacionamentos harmoniosos**

Os sentidos que vimos até aqui nos dão uma idéia de *shalôm* como uma condição ou um estado, seja de bem-estar, de saúde, de prosperidade ou de integridade. Porém, há outras passagens bíblicas que mostram certas situações onde *shalôm* designa não uma condição pessoal, mas sim o relacionamento interpessoal.⁴⁹

Assim, em algumas passagens, *shalôm* designa principalmente o relacionamento entre povos.⁵⁰ Mas esse sentido de relacionamento pode ser aplicado também ao indivíduo. Deste modo, segundo J. RADERMAKERS,⁵¹

⁴⁵ Ou “quem porfiou com ele e teve paz?”, conforme a **Bíblia de Estudo Almeida**. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

⁴⁶ Uma outra tradução, que nos permite perceber melhor esse sentido de uma realidade acabada é: “E assim acabou ele a construção do Templo.” Cf. **A Bíblia de Jerusalém**. Nova edição, revista. São Paulo: Paulinas, 1985.

⁴⁷ X. LÉON-DUFOUR, op. cit. col. 729.

⁴⁸ Idem, col. 730.

⁴⁹ Cf. G. von RAD, op. cit. col. 197.

⁵⁰ Como em 1Rs 5,4,26; Jz 4,17; Gn 34,21, 1Cr 12,18.

⁵¹ J. RADERMAKERS, op. cit. p. 1194.

podemos distinguir no termo *shalôm* o sentido de harmonia de vida entre as pessoas, o que estaria mais próximo da concepção grega de *eirene*.⁵²

Para S. AUSEJO⁵³ o sentido relativo de *shalôm* designa a paz como “boas relações”, seja entre pessoas, famílias ou povos.⁵⁴ Este autor destaca que *shalôm* denota também o bom relacionamento entre o homem e Deus, sem contudo indicar algum exemplo bíblico.

Baseado nesses dois sentidos, S. AUSEJO conclui que o que se opõe ao sentido bíblico de paz, não é simplesmente a guerra, mas “tudo o que pode prejudicar o bem-estar do indivíduo e as boas relações entre os homens”.⁵⁵ Esta concepção mais ampla do que se opõe à paz, direcionada ao ser humano, será retomada na pregação dos profetas, quando eles anunciam, em nome de Deus, o que seja a verdadeira paz.⁵⁶

Também X. LÉON-DUFOUR⁵⁷ destaca esse sentido de harmonia, sendo que ele se estende ao relacionamento da pessoa com a natureza, consigo mesma e com Deus.⁵⁸ Um outro aspecto, destacado por esse autor, é que a paz bíblica não se restringe apenas a um acordo ou pacto cuja conseqüência seria a possibilidade de uma vida tranqüila.⁵⁹ Na realidade, isto é uma das características da paz bíblica, mas que não dá conta de toda a sua complexidade e riqueza.

Pela própria definição que ele dá ao termo *shalôm*, sua concepção de paz bíblica como uma situação vivida pela pessoa em termos de harmonia com a natureza, consigo mesmo, com o próximo e com Deus, podemos perceber como a realidade da *shalôm* faz parte da teologia da Criação. Mais precisamente, está ligada com as relações básicas do ser humano descritas em Gn 2, 4b-25: relação

⁵² Idem, p. 1194. Como exemplo, J. RADERMAKERS apresenta as seguintes citações: Js 9,15; Jz 4,17; 2Sm 3,20s.

⁵³ S. AUSEJO, op. cit. cols. 1465-1467.

⁵⁴ Como em Js 9,15; Jz 4,17; 2Sm 3,20; 1Rs 5,26 (o relacionamento entre esposos: Eclo 31,2, comparar com Pr 12,4).

⁵⁵ S. AUSEJO, op. cit. col. 1465.

⁵⁶ Essa temática será abordada mais adiante, no ponto 2.4.5., sobre a relação entre a justiça e a paz.

⁵⁷ X. LÉON-DUFOUR, op. cit. col. 730.

⁵⁸ Idem, col. 730. Para esse autor, *shalôm* assume realidades como a bênção, o repouso, a glória, a riqueza, a salvação, a vida.

⁵⁹ X. LÉON-DUFOUR, op. cit. col. 730.

com Deus, relação com os animais, relação interpessoal, relação com o mundo criado.⁶⁰

O homem e a mulher são seres relacionais. Na medida em que, efetivamente, vivem essa sua dimensão básica, caminham para uma maior humanização. E uma das condições para relações maduras é um estado de *shalôm*.

2.2.4. *shalôm* como paz

Por fim, destacamos o sentido de *shalôm* como paz. Sem querer estabelecer nenhuma ordem de importância entre os vários sentidos de *shalôm*, optamos por colocar a paz no final da relação para evitar qualquer confusão que venha a identificar estritamente este sentido com todo o conteúdo semântico de *shalôm*.

Obviamente, a perspectiva da paz se faz presente quando o termo *shalôm* é usado. A paz, como nós a entendemos, é um dos aspectos englobados pelo seu amplo âmbito semântico. Para G. von RAD, esse sentido de paz, aparece principalmente quando *shalôm* designa a situação de bem-estar de uma coletividade.⁶¹ Para L. A. SCHÖKEL,⁶² essa paz designa a tranquilidade, a serenidade, a calma e a concórdia.

Como vimos até aqui, a paz bíblica (*shalôm*), não somente em seu sentido de paz mas em todos os outros vistos anteriormente, supera em muito a negatividade de uma concepção de paz como “ausência de conflitos”. Ela designa uma realidade mais positiva e fundamental para a vida e o desenvolvimento humano, bem como de todo o cosmo. A busca da paz é, fundamentalmente, a manifestação da bondade divina presente em toda a criação. Neste sentido, podemos ver que a idéia de “bem-estar” envolve mais que uma dimensão antropológica e sociológica. Ela manifesta uma realidade teológica, pois se refere ao desejo de Deus que a tudo criou e viu como sendo bom.

⁶⁰ Sobre essas “relações básicas”, ver: A. G. RUBIO. **Unidade na Pluralidade**. 2^a ed., São Paulo Paulinas, 1989, p. 131; H. W. WOLFF. **Antropologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Loyola, 1975, p. 129-131.

⁶¹ G. von RAD, op. cit. col. 196-197. Como pode ser visto nas passagens de 2Sm 17,3; 1Rs 2,5; 2Rs 20,19; Jr 38,3.4.

⁶² L. A. SCHÖKEL, op. cit. p. 672, onde indica os seguintes textos bíblicos: Jz 4,17; Is 9,6; 32,17; 54, 13; Mq 3,5; Sl 72,7; Ecl 3,8.

Na intenção de apresentar de uma forma mais sintética os sentidos descritos acima, sem contudo perder de vista a plenitude do que seja a paz no AT, representada pela riqueza do termo *shalôm*, e fazendo uma ligação com dados da cultura atual, citamos os seguintes textos:

“A paz [*shalôm*] é uma noção central no AT. O termo *shalôm* tem uma significação muito mais rica do que aquela que nós associamos normalmente ao termo ‘paz’. Ele significa harmonia e integralidade, como também saúde e desenvolvimento da pessoa. Ele engloba todas as dimensões da vida – a dimensão pessoal e familiar como também as dimensões social, nacional e internacional. Ele designa mais que a segurança puramente política que nós chamamos correntemente de paz. A *shalôm* é aquela realidade divina que compreende a justiça, a paz, a integridade da criação e sua interdependência, que são os dons de Deus.”⁶³

“A paz [*shalôm*] é a palavra mais completa, a mais sumarenta da Bíblia, a única que possa cumular o homem de felicidade, pois ela atinge toda a pessoa, corpo e alma, tornando-a completa, intacta, íntegra, em harmonia com Deus, com as outras pessoas, consigo mesma, com a criação toda inteira.”⁶⁴

E toda essa realidade, rica de conteúdo humano, teológico e espiritual,⁶⁵ é vista antes de tudo como dom de Deus que deve ser buscado e vivido pessoal e, principalmente, comunitariamente. Trata-se de realidade tão marcante que lança raízes em toda a vida do povo da Bíblia. Assim, a seguir veremos os vários modos como o termo *shalôm* é empregado, expressando a fé e a vida que deseja a paz.

⁶³ Documento final da Reunião Ecumênica européia de Bale, 1992, nº 29. Citado por: R. COSTE, op. cit. p. 80.

⁶⁴ *La responsabilité des chrétiens dans un temps de crise*. In: RASSEMBLEMENT ŒCUMÉNIQUE EUROPÉEN DE BÂLE, Paix et justice pour la création entière. Paris: Éd. du Cerf, 1989, p. 311. Citado por: R. COSTE, op. cit. p. 80.

⁶⁵ Cf. R. COSTE, op. cit. p. 42.

2.3. Usos diversos do termo *shalôm*.

Os significados e sentidos vistos acima, englobados pelo âmbito semântico do termo *shalôm*, estão presentes no texto bíblico das mais variadas formas, indicando os “usos e construções particulares” do termo hebraico.⁶⁶ Ao expor esses usos e aplicações, podemos perceber como o conceito de *shalôm* se faz presente na vida do povo da Bíblia.

Um uso muito comum de *shalôm* era o de saudação, tanto de chegada como de despedida.⁶⁷ A saudação implica, também, na pergunta pelo estado da pessoa,⁶⁸ ou seja, se a pessoa está bem.⁶⁹ Dentro desse sentido, está também a pergunta sobre as “intenções de paz”⁷⁰ daquele que se aproximava.

O termo *shalôm* é usado para designar a relação de confiança e concórdia⁷¹ entre as pessoas, sejam elas amigas ou parentes.⁷² Dentro do sentido de paz, *shalôm* evocava o desejo de segurança,⁷³ ou seja, o fato de se estar em segurança, ou são e salvo.⁷⁴

O uso de *shalôm* não se restringe ao relacionamento do homem com seus semelhantes. O termo hebraico se faz presente, também, na relação com Deus:⁷⁵ no encontro com o próprio Deus que “é *shalôm*”⁷⁶, cuja palavra é “de paz”,⁷⁷ e quem concede a verdadeira *shalôm*,⁷⁸ como um dos itens da bênção sacerdotal de Nm 6,24-26, ou mesmo como em Lv 26,3-13, onde podemos ver relacionados os diversos elementos da *shalôm*, tidos como dádivas de Deus.

⁶⁶ Cf. L. A. SCHÖKEL, op. cit. p. 672.

⁶⁷ Idem, ibidem. Cf. 1Sm 25,5-6; Ex 4,18; 1Sm 1,17; 17,22; 2Sm 18,28; Sl 122,8; Dn 10,19.

⁶⁸ G. GERLEMAN, op. cit. col. 1165; L. A. SCHÖKEL, op. cit. p. 672; X. LÉON-DUFOUR, op. cit. col. 730; G. von RAD, op. cit. col. 196.

⁶⁹ Cf. Gn 43,27s; Jz 18,15; 2Sm 18,32; 2Rs 4,26; 5,21s; 2Rs 9,11.

⁷⁰ X. LÉON-DUFOUR, op. cit. col. 730. Cf. 2Rs 9,17.18.

⁷¹ Idem, ibidem.

⁷² Cf. Sl 41,10; Jr 20,10; Jr 38,22.

⁷³ X. LÉON-DUFOUR, op. cit. col. 730.

⁷⁴ Cf. 2Sm 17,3; 1Rs 22,27.

⁷⁵ X. L. DUFOUR, op. cit. col. 730. J. L. MCKENZIE, op. cit. p. 704; S. de AUSEJO, op. cit. col. 1466.

⁷⁶ Cf. Jz 6,24.

⁷⁷ Cf. Sl 85,9.

⁷⁸ Cf. Sl 29,11; Is 26,12.

No rol dos sacrifícios, descritos no AT,⁷⁹ há o chamado “sacrifício de paz”, ou “sacrifício de comunhão” (ou ainda, “sacrifício de ação de graças”, “ofertas pacíficas”), cujo ritual encontra-se em Lv 3; 7,11-21. Nesse tipo de sacrifício⁸⁰ somente uma parte da oferta era queimada, sendo oferecida a Yahweh, a outra era consumida pelos sacerdotes e o oferente, que partilhava sua parte com seus convidados, o que supunha e resultava uma comunhão de mesa, ou comunhão fraterna. O simbolismo desse tipo de sacrifício, marcado por um caráter de alegria,⁸¹ indica justamente o desejo de se manter ou fortificar a comunhão e as boas relações entre o homem e Deus, e entre os homens em si.⁸²

Além da relação entre *shalôm* e os sacrifícios, há também a relação com a aliança: a “Aliança de paz”.⁸³ Segundo G. GERLEMAN, as passagens onde se encontra essa expressão⁸⁴ apresentam fatos e experiências do passado, em que a relação entre o povo e Yahweh havia sido afetada. A “aliança de paz” é, pois, a restauração dessa relação, baseada no perdão e na fidelidade de Deus, sendo que:

O essencial é que em todas essas passagens se expressa uma idéia particular da aliança, que não se funda propriamente em obrigações para o futuro, mas que se entende como compensação de um acontecimento passado, algo assim como “aliança de reparação, compromisso de restabelecimento”.⁸⁵

Nesse sentido, *shalôm* designa uma realidade que volta a um estado de integridade, portanto a um estado de totalidade do ser e das relações, base fundamental de um existência marcada pela paz.

Por fim, o termo *shalôm* aparece como designação daquele que traz uma boa notícia: o “mensageiro da paz”.⁸⁶ Nesse contexto, podemos perceber uma mudança de sentido, pois a paz passa a ser objeto da expectativa do povo, ou seja,

⁷⁹ Sobre os sacrifícios no AT, ver: A. VAN DEN BORN (red.) **Dicionário Enciclopédico da Bíblia**. 5ª ed., Petrópolis: Vozes, 1992, cols. 1356 - 1363. J. L. McKENZIE, op. cit. p. 819 - 824. R. de VAUX. **Instituciones del Antiguo Testamento**. Barcelona: Herder, 1964, pp. 528-538.

⁸⁰ Especificamente sobre este sacrifício, ver: A. van den BORN, op. cit. col. 1361. John L. McKENZIE, op. cit. p. 822. R. de VAUX, op. cit. p. 531-532.

⁸¹ Cf. Dt 12,7.12.18.

⁸² Como exemplo das passagens onde aparece o “sacrifício de paz”, temos: 1Sm 11,15; 1Rs 3,15; Nm 6,14; Jz 20,26; 21,4; 13,9; 2Sm 6,17-18; 24,25.

⁸³ G. GERLEMAN, op. cit. col. 1166.

⁸⁴ Nm 25,12; Is 54,10; Ez 34,25; Ez 37,26.

⁸⁵ G. GERLEMAN, op. cit. col. 1166.

⁸⁶ G. von RAD, op. cit. col. 197. Como podemos ver em Na 2,1 e, especialmente em Is 52,7: “Como são bem-vindos, por sobre as montanhas, os passos do mensageiro que nos faz ouvir a paz, que nos traz uma mensagem de bem, que nos faz ouvir a salvação, que diz a Sião: “Teu Deus reina!”

seu desejo de liberdade, de vitória sobre o inimigo, visto como salvação da parte de Deus.

Como dissemos acima, esses usos e aplicações do termo *shalôm* demonstram a profunda relação entre o conceito de paz e a vida social e religiosa do povo, relação que se faz presente no desenrolar da história desse mesmo povo, sem esquecer que entre o fato e sua narrativa há um intervalo de tempo. Nesse sentido, os livros do AT foram redigidos durante um longo período, correspondendo a uma variedade de situações históricas,⁸⁷ nas quais a busca da paz se conjuga com outros temas teológicos, como veremos a seguir.

⁸⁷ R. COSTE, op. cit. p. 42.

2.4.

A relação entre a paz e alguns outros elementos da teologia do AT

De acordo com a leitura das páginas anteriores percebemos que, neste trabalho, não foi possível abordar exaustivamente todas as nuances que o termo *shalôm* assume nos diversos livros do AT. Mas isso não nos impede de continuar aprofundando essa temática. Deste modo, a partir de alguns pontos destacados pelos autores sobre os quais estamos nos apoiando, veremos como o termo *shalôm* se relaciona com certos elementos que fazem parte da fé e da reflexão teológica de Israel.

Sem a intenção de traçar um tratado sobre a paz, mas refletindo sobre a ação e a revelação de Deus na história,⁸⁸ a literatura do AT nos mostra essa relação, variando de acordo com os momentos históricos e as situações vividas pelo povo de Israel. Por isso, reconhecemos que não se trata de uma apresentação que esgota todos os matizes do termo *shalôm*, muito menos o conteúdo da fé em Deus presente nos livros do AT.

2.4.1.

A benção de Deus como fonte de paz

Essa relação aparece mais fortemente nos livros que compõem o Pentateuco. Neles, contudo, o termo *shalôm* aparece poucas vezes. De modo geral, podemos destacar dois pontos: a) primeiramente o sentido de “tranqüilidade”, de “segurança”, de estar “são e salvo”, designado, principalmente, pela expressão “em paz”⁸⁹; b) outro sentido se refere à relação entre o povo e Deus, onde *shalôm* designa os frutos da benção ou da aliança divinas. Assim sendo, *shalôm* é o centro da benção pela fidelidade do povo (Lv 26,3.6), o ponto central da benção sacerdotal⁹⁰ (Nm 6,22ss) e é a “aliança de paz” que garante o sacerdócio (Nm 25,12s).

⁸⁸ R. LATOURELLE, op. cit. p. 452.

⁸⁹ Cf. Gn 15,15; 26,29.31; 28,21; 44,17; Ex 4,18; 18,23.

⁹⁰ H. BECK; C. BROWN. *Paz*. In: C. BROWN. **O Novo Dicionário de Teologia do Novo Testamento**. Vol. III, 3^a. ed., São Paulo: Vida Nova, 1985, p. 1593.

2.4.2.

A paz e a sabedoria no relacionamento político

Em um sentido mais amplo, o relacionamento com o outro, seja em nível individual, seja em nível do coletivo, isto é, dos diversos povos, não pode ficar fora da abrangência da *shalôm*. Assim sendo, vamos encontrar em alguns textos do AT uma referência à paz como fruto, em termos modernos, das relações políticas.

Essa referência está presente, principalmente, nos livros de Js, Jz, 1 e 2Sm, 1 e 2Rs⁹¹, onde algumas passagens falam da paz em sentido político, ou seja, *shalôm* é usado para designar o bom relacionamento, a tranquilidade e a ausência de conflitos entre pessoas ou mesmo entre nações. Esta situação é vista não exatamente como um dom, mas como consequência da habilidade de negociação e, principalmente da sabedoria, de certos homens, como no caso de um rei.⁹²

2.4.3.

A paz e a herança do justo

Na Literatura Sapiencial *shalôm* é vista e aspirada como o bem por excelência,⁹³ como a paz verdadeira.⁹⁴ Ela é a esperança do homem justo e sábio, aquilo que ele deve buscar na sua vida, seja para si próprio, seja na relação com os outros. E, pelo menos para a visão mais otimista da sabedoria, a paz seria como que o prêmio para o sábio.⁹⁵

No entanto, por causa da contradição do sofrimento do justo (a falta da paz para aquele que é justo, Cf. Jó 16,12.17) e a situação de sorte do ímpio⁹⁶ (Sl 73,3), em textos mais recentes, a paz começa a ser vista com uma realidade futura, como

⁹¹ Cf. J. RADERMAKERS, op. cit. p. 1194.

⁹² É o que pode ser visto em 1Rs 5,1.4: “Salomão dominava sobre todos os reinos a partir dos Rio, sobre a terra dos filisteus e até a fronteira do Egito. Eles pagaram tributo a Salomão e lhe serviram durante toda a sua vida. Pois ele dominava sobre toda a região de Transeufratênia, desde Tifsah até Gaza, sobre todos os reis da Transeufratênia. Vivia em paz com todas as regiões limítrofes em redor.” Ver também 1Sm 7,14.

⁹³ J. RADERMAKERS, op. cit. p. 1194.

⁹⁴ X. LÉON-DUFOUR, op. cit. col. 732.

⁹⁵ Cf. J. V. LÍNDEZ. *Sabedoria e sábios em Israel*. São Paulo: Loyola, 1999, p.133-134. O que podemos ver, entre outros, nos seguintes textos: Sl 34,15; Pr 12,20; Eclo 26,2; Sl 37,11.37; Pr 3,1-2; Sl 119,1.165.

a sorte do homem justo após sua morte (cf. Sb 3,1-3). Nesse sentido, a paz aparece desvinculada da felicidade terrestre, passando a ser vista como um bem espiritual.⁹⁷

2.4.4.

A relação entre a paz e a justiça.

Essa relação está presente, principalmente, na pregação dos profetas. Evidentemente, a literatura profética⁹⁸ apresenta muitos outros temas e assuntos além da questão da paz, bem como passagens cuja profundidade teológica e literária mereceriam um destaque e aprofundamento. Sem desmerecer os outros temas, nem deixando de levar em conta a relação que há entre eles, devemos deixar claro que nossa intenção é perceber como o termo *shalôm* é utilizado pela pregação profética.

Desse modo, podemos afirmar que o tema da paz vai ocupar um lugar central na pregação dos profetas.⁹⁹ Isso não só por conta do número de vezes que o substantivo *shalôm* é utilizado,¹⁰⁰ mas pelo lugar que ocupa, isto é, em muitos casos torna-se uma “palavra chave”¹⁰¹ para os profetas, principalmente relacionado ao tema da “justiça interhumana”.¹⁰²

A relação entre a paz e a justiça envolve a questão da verdadeira paz, que, por sua vez, se insere no conflito causado pela pregação dos “falsos profetas” que anunciam uma paz ilusória.¹⁰³ A partir da polêmica relatada nos textos da

⁹⁶ J. V. LÍNDEZ, op. cit. p. 134, denomina essa fase como a “irrupção do espírito crítico”, cujas características principais são as “perguntas e dúvida que põem em xeque uma concepção religiosa mantida até então quase sem fissura.”

⁹⁷ Cf. X. LÉON-DUFOUR, op. cit., col. 731.

⁹⁸ Por “literatura profética” designamos os livros de Is, Jr, Ez, Os, Jl, Am, Ab, Jn, Mq, Na, Hab, Sf, Ag, Zc e Ml.

⁹⁹ J. RADERMAKERS, op. cit., p. 1194.

¹⁰⁰ Conforme o quadro apresentado por G. GERLEMAN, op. cit. cols. 1155-1156, o termo *shalôm* é citado 80 vezes nos profetas, sendo que as maiores incidências estão em Jr (31) e Is (29).

¹⁰¹ Cf. G. von RAD, op. cit. col. 200: “A palavra-chave em torno da qual se desenvolve a disputa [entre os ‘profetas da desventura’ e os ‘falsos profetas’], reacesa várias vezes no curso de vários séculos, é *shalôm*.”

¹⁰² R. AGUIRRE; F. J. VITORIA. *Justicia*. In: I. ELLACURÍA; J. SOBRINO. *Mysterium liberationis: conceptos fundamentales de la teología de la liberación*. Tomo II, segunda edición, Madrid: Editorial Trotta, 1994, p. 548.

¹⁰³ Como exemplo: Jr 14,13s: “Eu disse: ‘Ah! SENHOR Deus, no entanto os profetas andam dizendo: não vereis a espada, a fome não vos surpreenderá: porque vos darei neste lugar uma prosperidade garantida’. O SENHOR respondeu-me: ‘É mentira o que os profetas profetizam em

Escritura, podemos perceber que essa pregação provoca uma crise no movimento profético em Israel.¹⁰⁴

Segundo G. von RAD, em toda a época dos profetas podemos perceber a presença marcante de uma disputa: o combate dos chamados “profetas da desgraça” contra o anúncio de salvação dos “falsos profetas”:

De Miquéias bem Iimlá até Ezequiel pode-se seguir o desenvolvimento de uma singular disputa; uma pequena minoria, os quais denominamos de “profetas da desventura”, combate apaixonadamente o anúncio de salvação dos “falsos” profetas.¹⁰⁵

Sendo que, “a palavra-chave em torno da qual se desenvolve a disputa, reacesa várias vezes no curso dos séculos, é *shalôm*.”¹⁰⁶

Assim, em diversos textos bíblicos dos profetas, mesmo quando o termo *shalôm* não é citado literalmente, o tema da paz aparece como sendo uma questão central.¹⁰⁷ E no livro de Jeremias é que podemos perceber toda a intensidade e dramaticidade dessa disputa,¹⁰⁸ pois foi quem mais se indignou contra os “falsos profetas”,¹⁰⁹ o que fica bem claro em certas passagens.¹¹⁰

meu nome: eu não os enviei, nada lhes ordenei, não lhes falei. Visões falsas, vaticínios, miragens, invenções fantasiosas, eis o que são suas profecias!”; Mq 3,5: “Assim fala o SENHOR contra os profetas que desencaminham meu povo: Podem eles morder com tanto gosto? Proclamam a paz; mas a quem não lhes põe nada na boca, declaram guerra santa.”; Ez 13,9.10.16: “Minha mão será contra os profetas que têm visões ilusórias e que fazem predições enganosas; eles estarão ausentes do conselho do meu povo, não serão inscritos no livro da casa de Israel e não entrarão no solo de Israel; então conheceréis que eu sou o SENHOR Deus. Visto que desencaminharam meu povo dizendo: ‘Paz!’, quando não havia paz alguma, e porque eles rebocavam com a massa o muro que meu povo construía; (...) não há mais desses profetas de Israel que pronunciavam oráculos sobre Jerusalém e que tinham para ela visões de paz quando não havia paz alguma! – oráculo do SENHOR Deus.”

¹⁰⁴ Segundo X. LÉON-DUFOUR, há um crise na literatura profética causada por essa pregação, que, conforme Jr 6,14, é uma “cura superficial”, e Ez 13,10-12, é um “reboco de um muro prestes a cair”. Op. cit. cols. 731-732.

¹⁰⁵ G. von RAD, op. cit. col. 200.

¹⁰⁶ Idem, ibidem.

¹⁰⁷ É o que podemos perceber em 1Rs 22,1-28, onde é narrado o encontro e a disputa entre Miquéias, filho de Iimlá, e os profetas do rei Acab.

¹⁰⁸ R. COSTE, op. cit. p. 77.

¹⁰⁹ G. von RAD, op. cit. col. 201.

¹¹⁰ Como exemplo: Jr 14,13s: “Eu disse: ‘Ah! SENHOR Deus, no entanto os profetas andam dizendo: não vereis a espada, a fome não vos surpreenderá: porque vos darei neste lugar uma prosperidade [*shalôm*] garantida.’ O SENHOR respondeu-me: ‘É mentira o que os profetas profetizam em meu nome: eu não os enviei, nada lhes ordenei, não lhes falei. Visões falsas, vaticínios, miragens, invenções fantasiosas, eis o que são suas profecias.’”; Jr 6,13-14: “Todos, pequenos e grandes, são tomados pela ganância. Todos, profetas e sacerdotes, praticam a mentira. Pretendem remediar a desgraça do meu povo, dizendo levemente: ‘Tudo em paz! Tudo em paz!’, quando não há paz.”; Jr 28,9: “Mas se um profeta, ao profetizar, anuncia a paz, somente

Os falsos profetas pregavam uma “prosperidade garantida”, sem fome nem espada. Pretendiam assim, numa atitude gananciosa, minorar a desgraça evidente do povo, que ao mesmo tempo se deixava levar pela ilusão de uma falsa paz. Contra essa situação, Jeremias levanta sua voz e declara que “não há paz” (Jr 6,13s). Há uma ilusão, uma falsa paz. Na realidade, percebemos que o fundamento da qualificação de “falsos profetas” está ligado ao próprio Deus, pois Ele não os enviou, muito menos os autorizou para falarem em seu nome.¹¹¹

Mais preocupados com seus próprio interesses, esses “falsos profetas” ignoraram o pecado do povo¹¹² e foram incapazes de perceber na situação política o juízo de Deus.¹¹³ Não denunciaram o erro dos dirigentes do povo, que, buscando o bem-estar pessoal e a segurança em relações e alianças políticas corruptas,¹¹⁴ acabaram por deixar de lado o elemento fundamental para a verdadeira paz: a justiça querida por Deus.¹¹⁵

Esse fato fica claro no texto de Jr 5,20-31. Nele vemos a indignação divina diante da falta de respeito e da cegueira do povo, que por seus crimes perturbou a ordem querida por Deus, ou seja, sua justiça. Esta consiste justamente na defesa da causa dos órfãos e do direito dos pobres, que, por causa da ganância de uma “gente malvada”, não tiveram acesso aos bens distribuídos por Deus a todo o povo, simbolizados nas chuvas e nas semanas de colheita.

Por isso, Jeremias, como também o profeta Ezequiel, em oposição a toda essa situação de injustiça generalizada, exclama: “não há paz!”¹¹⁶ Sem a presença efetiva da justiça e a observância de seus preceitos, não pode haver uma paz verdadeira.¹¹⁷ A justiça torna-se, assim, um componente essencial para a paz.¹¹⁸

quando sua palavra se realiza é que este profeta é reconhecido como verdadeiramente enviado pelo SENHOR.”

¹¹¹ G. von RAD, op. cit. col. 202. Essa não autorização pode ser vista nos textos de Jr 14,14; 23,21s.32.

¹¹² Cf. Jr 5,31; Mq 3,5; Jr 23,9-14.

¹¹³ G. von RAD, op. cit. col. 202.

¹¹⁴ Cf. J. TERÁN-DUTARI. *Paz*. In: K. RAHNER *et al.* (dir.). **Sacramentum Mundi**. Enciclopedia Teologica. Tomo quinto. Barcelona: Herder, 1985, col. 320

¹¹⁵ X. LÉON-DUFOUR, op. cit. col. 731.

¹¹⁶ Jr 6,14; 8,11; 12,12; 30,5; Ez 13,10.16. Cf. G. von RAD, op. cit. col. 202.

¹¹⁷ J. L. MCKENZIE, op. cit. p. 704. Sobre a estrita relação entre a justiça e a pregação dos profetas, ver: J. L. SICRE. **A justiça social nos profetas**. São Paulo: Paulinas, 1990.

¹¹⁸ R.COSTE, op. cit. p. 76

Devemos também observar que, na literatura profética, é muito frequente o binômio “direito-justiça” (*mishpat-s^edaqâ*),¹¹⁹ que “em linhas gerais, *mishpat* eqüivale ao reto ordenamento da sociedade; *s^edaqâ*, à atitude interna de justiça, que torna possível viver a fundo o primeiro”.¹²⁰

Assim, a injustiça causa um desequilíbrio na sociedade; e se há injustiça, conseqüentemente, há injustiçados, ou seja, os que são oprimidos e explorados, todos os que sofrem a violência causada pela injustiça.

A exigência do cumprimento do direito e o respeito à justiça revelam o desenvolvimento, dentro dessa mesma literatura profética, de uma “teologia do *pathos* divino”, ou seja, uma teologia da solidariedade de Deus para com as vítimas da injustiça, da opressão e da exploração,¹²¹ bem como de sua intervenção em favor destes.¹²²

Na verdade, a referência à face do Deus solidário, do Deus que se compadece com o sofrimento do povo já se encontra nos fundamentos da tradição mosaica. No encontro com o Deus dos patriarcas, Moisés recebe a missão de falar em seu nome, em nome do Deus que viu a opressão do povo e ouviu o seu clamor (Cf. Ex 3,6-10). Muito significativa é a afirmação contida em Ex 3,7: Deus não apenas vê a opressão e ouve o clamor do povo, Ele “conhece seus sofrimentos”. Vale lembrar que o sentido bíblico do verbo conhecer designa principalmente o conhecimento pela experiência, pelo sentir, fruto de uma relação interpessoal.¹²³ Assim sendo, Deus conhece profunda e intimamente o sofrimento do povo porque sente com ele, sofre com seu povo.

Contudo, esse *pathos* divino nos mostra ainda que a misericórdia divina é uma “misericórdia eficaz”.¹²⁴ Deus não apenas vê, ouve e conhece o sofrimento

¹¹⁹ Cf. J. L. SICRE, op. cit. p. 600, que cita como exemplo: Is 5,7; 56,1; 59,9.14; Jr 22,3.15; 23,5; 33,15; Ez 18,5.19.21.27; Am 5,7.24; 6,12.

¹²⁰ J. L. SICRE, op. cit. p. 600.

¹²¹ R. COSTE, op. cit. p. 60.

¹²² Idem, p. 63. Como podemos ver nos Salmos 72 e 73.

¹²³ Desse modo, é que o verbo conhecer é utilizado, nas línguas semíticas, para indicar a união sexual. De modo geral, a concepção bíblica de conhecimento “não consiste, como para os gregos, em conhecimento abstrato, mas antes numa relação pessoal entre sujeito e objeto; de sorte que conhecer significa antes: ‘experimentar’, ‘sentir’.” J. DE FRAINE. *Conhecer*. In: A. VAN DEN BORN, op. cit. col. 288.

¹²⁴ C. BRAVO. *Jesus de Nazaret, el Cristo liberador*. In: I. ELLACURÍA; J. SOBRINO (orgs.) **Mysterium Liberationis: conceptos fundamentales de la Teología de la Liberación I**. Segunda edición. Madrid: Editorial Trotta, 1994, p. 553.

do povo, Ele liberta de tal sofrimento. Sua solidariedade, seu sentir com o outro, a humanidade, o move a “descer”¹²⁵ e a agir em favor de todo aquele que sofre injustiça. Em suma, o que Deus quer é a justiça para o povo oprimido,¹²⁶ e que este viva a plenitude da *shalôm*. No caso específico de Ex 3,6-10, há uma exigência de libertação da escravidão. Na pregação dos profetas, a solidariedade de Deus exige não só a denúncia de toda a situação de injustiça, mas também, revela as exigências éticas em favor de uma verdadeira paz, pautada no direito e na justiça.¹²⁷

Um outro ponto que devemos observar relacionado a essa temática da justiça e da paz, bem como de suas implicações éticas, é a denúncia profética contra a violência.

No AT há todo um desenvolvimento da superação da imagem de um Deus violento. Na realidade, sabe-se que essa “violência divina” é uma projeção da própria violência humana.¹²⁸ Desse modo, uma sociedade violenta tende a projetar essa mesma violência na divindade¹²⁹. Contudo, na medida em que Deus se revela como o Deus da paz,¹³⁰ Ele convida a humanidade a aceitar seu projeto de paz e de não-violência.¹³¹ Não basta apenas perceber que Deus não é violento. É necessário perceber que Ele não tolera a violência, principalmente, quando esta é vista, na Bíblia, sobretudo como ação dos ricos e dos poderosos com relação aos pobres e miseráveis.¹³² Sob essa ótica, a violência é a antítese da paz (*shalôm*),

¹²⁵ Cf. Ex 3,8: “Desce para libertá-lo da mão dos egípcios e fazê-lo subir desta terra para uma terra boa e vasta, ...”

¹²⁶ R. AGUIRRE; F. J. VITORIA. *Justicia*. In: I. ELLACURÍA; J. SOBRINO (orgs.) **Mysterium Liberationis: conceptos fundamentales de la Teología de la Liberación II**. Segunda edición. Madrid: Editorial Trotta, 1994, p. 542.

¹²⁷ Como podemos ver claramente em Jr 22,1-3: “Assim fala o SENHOR: Desce ao palácio do Rei de Judá e lá pronunciarás esta palavra; dirás: Ouve a palavra do SENHOR, rei de Judá, (...) Assim fala o SENHOR: Defendei o direito e a justiça, libertai o espoliado da mão do explorador, não oprimeis nem maltrateis o migrante, o órfão e a viúva, não derrameis sangue do inocente neste lugar.” Essa mesma temática pode ser vista em outras passagens como: Is 56,1; 58,6-10; 59, 2-9; Ez 18,5-9; 45,9.

¹²⁸ Cf. R. COSTE, op. cit. p. 53. Sobre a questão do Deus violento ver a obra de G. BARBAGLIO. **Dios violento?** Navarra: Ed. Verbo Divino, 1992.

¹²⁹ Cf. G. BARBAGLIO, op. cit. p. 18.

¹³⁰ Em Jz 6,24, apesar de ser um relato arcaico, temos uma profissão de fé na imagem pacífica de Deus: “O Senhor é paz”. A paz é anunciada como um atributo divino. Cf. R. COSTE, op. cit. p. 76s.

¹³¹ Como podemos ver, entre outras, na passagens: Is 59,6; Jr 20,8; 22,3.17; Ez 22,9; 28,16; 45,9; Mq 6,12. Sobre esse assunto ver: M. C. L. BINGEMER (org.). **Violência e Religião: Cristianismo, Islamismo, Judaísmo: três religiões em confronto e diálogo**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2001, p. 24-66.

¹³² R. COSTE, op. cit. p. 63. Como exemplo dessa afirmação, ver Is 58-59.

pois ela impede o pleno desenvolvimento da vida humana, ou mesmo se coloca como uma ameaça a vida biológica.¹³³

Deste modo, podemos concluir que só há verdadeira paz quando o direito e a justiça são respeitados, superando-se a violência por uma atitude de respeito e proteção à vida. Dessa maneira é que, conforme o Sl 85, se pode ouvir a voz de Deus que anuncia a “Paz para seu povo” (Sl 85, 9). Nesse mesmo salmo, está bem claro um outro dado fundamental para a fé de Israel, e fundamental para uma teologia da paz: esta é, antes de tudo, dom e obra de Deus, e ao mesmo tempo responsabilidade humana.¹³⁴

Essa certeza da fé de Israel é que vai servir de base para, diante da crise causada pela pregação de uma falsa paz e de sua não realização, a elaboração da esperança de uma paz verdadeira. Porém, diante de estruturas sociais que não possibilitam o bem-estar e a segurança, esta concepção se desvincula do presente e se associa à esperança messiânica do Rei justo. É o que veremos adiante.

¹³³ Idem, p. 64.

¹³⁴ Cf. Idem, p. 76, o Sl 85 expressa a “convicção propriamente teológica de que a paz, mesmo sendo necessariamente obra dos homens em sua realidade concreta, particularmente por seus comportamentos conforme as exigências da justiça, é, em definitivo e antes de tudo, obra de Deus.”

2.5.

A paz como elemento da esperança escatológica

Tão importante quanto a relação entre a justiça e a paz, vista anteriormente, é a inserção de *shalôm* no contexto profético-escatológico. Aqui também ela aparece como uma palavra chave, designando a expectativa da paz que envolve a espera messiânica.¹³⁵

Ao passar pela experiências do exílio (597 e 586),¹³⁶ a promessa de paz toma novos sentidos, de tal modo que *shalôm* adquire uma nova forma mais complexa, bem como um novo destaque,¹³⁷ sendo apresentada como um desejo de Deus, que tem para com seu povo “projetos de prosperidade e não de desgraça” (Jr 29,10s)¹³⁸.

Conforme Ez 34,25-31; 37,26-28, o ponto central é a “aliança de paz” que Deus fará com seu povo, por meio da qual a paz será restabelecida.¹³⁹ Vale notar que os elementos que compõem essa paz são semelhantes aos da bênção de Lv 26, 3-13: morada tranqüila e segura, chuvas no tempo certo, frutos das árvores e produtos da terra, e o reconhecimento da presença de Deus no meio do povo.

No dêutero e no trito Isaías, a perspectiva da paz se une novamente ao tema da justiça.¹⁴⁰ Dessa forma, *shalôm* passa a ser, junto com a *s^edaqâ*, o bem salutar dos filhos de Jerusalém,¹⁴¹ assumindo um caráter espiritual.¹⁴² *shalôm* é vista agora como um bem, como algo que será concedido ao povo, uma dádiva de Deus (Is 66,12).

¹³⁵ J. RADERMAKERS, op. cit. p. 1194. O que pode ser visto nos textos: Is 9,5-6: “Pois uma criança nasceu para nós, um filho nos foi dado. A soberania repousa nos seus ombros. Proclama-se o seu nome: ‘Conselheiro Maravilhoso, Deus Forte, Pai para sempre, Príncipe da Paz. Estender-se-á a soberania e haverá paz sem fim para o trono de Davi e para sua realeza, ...’”; Is 32,17-18: “A obra da justiça será a paz: o empenho da justiça, calma e segurança para sempre. ⁸Meu povo se estabelecerá em um remanso de paz, em moradas seguras, tranqüilos lugares de repouso.”. Ver também: Is 57,19; 66,12; Jr 33,6; Ez 37,26; Mq 5,1.3.4; Zc 9,9-10.

¹³⁶ Cf. G. von RAD, op. cit. col. 203.

¹³⁷ Idem, ibidem.

¹³⁸ Cf. X. LÉON-DUFOUR, op. cit., col. 731. Outro texto de importância é Jr 33: Judá e Israel serão restaurados e restabelecidos, e todas as nações da terra ficarão extasiadas e vibrarão por causa de “todos os bens, de toda a prosperidade” que Deus lhes concede.

¹³⁹ G. von RAD, op. cit. col. 203.

¹⁴⁰ Is 48,18; 54,10.13-14.

¹⁴¹ G. von RAD, op. cit. col. 204.

¹⁴² Idem, ibidem.

Segundo G. von RAD, vemos o conceito *shalôm* sendo aplicado em um raro sentido espiritual, pois não designa a saúde ou bem-estar material intenso, mas sim a “expressão de um relacionamento pacífico que tem sua raiz na disposição de ânimo daqueles que aderem ao pacto.”¹⁴³

Nessa expectativa messiânica, pode-se dizer que *shalôm* passa a ser um elemento da escatologia do AT, designando a espera de uma condição final de paz, compreendida em três aspectos:¹⁴⁴

- a) Um “retorno da condição paradisíaca” (Is 11,1-9; Os 2,20-25; Am 9,13-15);
- b) A “promessa da paz entre os povos, reconciliados por uma disposição divina” (Is 2,2-5);
- c) A “espera de um humilde rei escatológico, que dará início a uma era de paz” (Zc 9,9ss).

Portanto, podemos afirmar que, nesse contexto, surge e se desenvolve a concepção da paz escatológica, o ponto mais alto entre os sentidos de *shalôm* e da própria visão de paz do AT.¹⁴⁵ A paz perfeita e plena só será possível pela intervenção direta do próprio Deus. E será justamente pela iniciativa divina que a paz alcançará toda a sua plenitude, ou seja, pelo nascimento do “Príncipe da Paz” (Is 9,6).

É dentro de toda essa expectativa que se insere o Messianismo de Jesus. Sua vida, suas palavras e ações. Em síntese, toda sua atuação como o Messias enviado por Deus vai assumir e levar à plenitude o sentido da paz bíblica. Isto é o que veremos no próximo capítulo.

¹⁴³ Idem, col. 198

¹⁴⁴ G. von RAD, op. cit. col. 205.

¹⁴⁵ Cf. R. COSTE, op. cit. p. 77.